

■ OPINIÃO

EDITORIAL

A valorização das fibras naturais

As fibras naturais vêm retomando importância no agronegócio brasileiro, graças à conjunção de variados fatores, tais como as pressões da demanda interna e externa, as mudanças nas exigências dos consumidores, o desenvolvimento de novas tecnologias e a capitalização e profissionalização dos empresários rurais. Esses produtos também contribuem para o equilíbrio das contas externas e para a interiorização do desenvolvimento. O exemplo mais evidente é o da cultura do algodão (cotonicultura), que hoje se expande principalmente em Mato Grosso (maior produtor nacional), Mato Grosso do Sul e Bahia.

Durante décadas do século passado, a produção brasileira não só foi suficiente para suprir a demanda da indústria têxtil como, também, para colocar o Brasil entre os grandes exportadores mundiais. Então, o algodão era o "ouro branco" que irrigava as economias de vários estados nordestinos, principalmente o Ceará e o Rio Grande do Norte.

Decisões governamentais equivo-

casas, referentes à política de importação, e a praga conhecida como "bico" desestimularam o plantio e o Brasil tornou-se grande importador. Para se ter idéia, em 1992/93 as importações somaram 501,2 mil toneladas, ante uma produção de 420,2 mil toneladas. Ainda em 1996/97, o País gastou US\$ 865 milhões com a importação do produto. Já em 2000/01, a produção chegou a 938,8 mil toneladas, enquanto a importação caía para 81,3 mil toneladas. Em 1999 o País exportou 3 mil toneladas de algodão em pluma, volume que, segundo a previsão, saltará para 185 mil toneladas na safra 2002/03.

Essa reversão do quadro da cotonicultura nacional deveu-se, do ponto de vista tecnológico, ao trabalho da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A companhia estatal, reconhecida internacionalmente por sua competência científica e técnica, pes-

quisou variedades de sementes adaptadas às características de solo e condições de clima brasileiras, desenvolveu métodos de plantio inovadores, bem como métodos de combate e controle das pragas que atacam o algodoeiro. Esse esforço permitiu não só um expressivo salto na produtividade das lavouras como, também, da

qualidade do algodão brasileiro, que hoje concorre com o produto australiano, considerado um dos melhores do mundo.

A indústria de máquinas e implementos agrícolas também teve

seu papel, ao oferecer aos cotonicultores equipamentos que permitem a mecanização da colheita. O uso intensivo de máquinas, fertilizantes e defensivos — o algodoeiro é suscetível ao ataque de 13 pragas — eleva os custos de produção e torna a cotonicultura uma atividade restrita a empresários profissionais e tecnificados, com capacidade financeira para investir.

Em contrapartida, a rentabilidade é alta, comparada à de outras culturas. Estima-se que o produtor obtenha entre R\$ 2,1 mil e R\$ 2,8 mil líquidos por hectare plantado, enquanto a soja rende não mais que R\$ 840 por hectare.

A garantia de rentabilidade é que estimulou a família Schneider Logemann, dona da SLC Agrícola, a investir pesadamente na cotonicultura, tornando-se a maior produtora de algodão do País, como relatou este jornal. A empresa planeja plantar 28,5 mil hectares de algodão em 2003/04, área quase 50% maior que a cultivada na safra passada.

E a busca de rentabilidade ainda maior, com a eliminação de atravessadores e agregação de valor ao produto, tem levado cotonicultores, principalmente de Mato Grosso, a investir na compra de unidades de beneficiamento. Mas os negócios com o algodão não se restringem à sua fibra. Do caroço se extraem o línter (utilizado pela indústria têxtil), a torta (para ração animal) e o óleo de cozinha. O crescimento de 10,7% na produção de ca-

roço, que deverá atingir 1,37 milhão de toneladas na safra 2002/03, segundo estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), já induz a Bunge Brasil a planejar a construção da maior fábrica de óleo de algodão do País. O projeto é orçado em R\$ 30 milhões e prevê a instalação, em Rondonópolis (MT), de uma unidade com capacidade para esmagar de 700 a mil toneladas/dia de caroço.

A entrada das fibras sintéticas no mercado teve impacto não só no consumo do algodão pela indústria de tecidos e confecções. A juta, o sisal e a malva também foram afetados pela concorrência do polipropileno. Contudo, esses produtos também começam a reconquistar posições. Por isso, a Amazontêxtil Fibra acaba de inaugurar em Manacapuru (AM) uma fábrica com capacidade para produzir 24 toneladas/dia de sacos de aniagem, com investimento de R\$ 3 milhões e criação de cerca de 400 empregos diretos.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse:
www.gazetamercantil.com.br/editorial

Class	31/7/2003	43
Data	31/7/2003	43
Fonte	Opinião	
Classificação	Opinião	
Documentação		